

António Ribeiro Sanches

Carta a Joaquim Pedro de Abreu

**Universidade da Beira Interior
Covilhã – Portugal
2003**

Senhor Joaquim Pedro de Abreu,

Recebi a mui estimada carta de V. M. com data de 26 de Janeiro, algumas semanas na verdade retardada, mas satisfiz cabalmente o contínuo cuidado de recebê-la; e fico a V. M. sumamente agradecido pela resposta às minhas *questões* sobre o estado da nossa Universidade, por que as satisfazem totalmente; e mostram que não é possível aprender-se nela a Medicina para utilizar a nossa pátria, não só pela errada doutrina, mas também pelo bárbaro e detestável método com que se aprende: Também agradeço a V. M., com todo o affecto, comunicar-me o circunstanciado conceito que tem dos nossos Médicos práticos, e daqueles que se têm aplicado à teoria da Medicina: Espero que V. M. me fará a graça em outra ocasião de avisar-me se estudam a Física experimental demonstrada pela Geometria e Álgebra para servir de intróito ao estudo da mesma ciência.

Não me admiro que o que propus no ano passado, aos pés do trono de S. Majestade que Deus guarde, sobre a providência de mandar Portuguezes capazes aprender nas Universidades estrangeiras as partes da Medicina para ensinar-se na nossa Universidade fosse repudiado por alguns, que as não conhecem, por quimérico e impraticável: Quem chegou a uma certa idade, com conhecimento do mundo com quem trata na sua terra, estabelecido já com dignidade, não sujeita o seu juízo a parecer alheio, e só às matérias de fé e da Religião é que faz este sacrificio: o que propus naquele papel, que V. M. tem esperança de ver, não continha pensamento algum daqueles que estudei em Coimbra, nem em Salamanca, e muito menos daqueles que adquiri enquanto pratiquei a Medicina por quatro anos na Guarda, e em Benavente. Pareceu-me que seria antes do serviço de S. Majestade comunicar o que aprendi por trinta e quatro anos nas Universidades de Pisa, Montpellier e Leyde, nas Escolas e Hospitais de Londres e da Rússia, e pela correspondência que tive com Mrs. Vanswieten, Haller, Schreiber, Guntz e Gaubius, tocante à verdadeira Medicina, e como deve ensinar-se: Será impossível que se compreenda em Portugal o que se adquiriu em tão vários climas, e com tão diversas pessoas: e vejo-me obrigado já a sujeitar-me à opinião que quizerem formar de mim, prevendo que será à custa de alguma reputação, que podia merecer ter envelhecido em adquiri-la: Mas não tenho ânimo de sujeitar-me à extravagância de quem julga do que não viu, nem experimentou; nem já estou em idade de fazer fortuna pela lisonja. A obrigação com que nasci, a fidelidade para o meu Rei e Senhor é a que me conduz, e a minha eterna gratidão é a que me

anima para dizer e declarar somente a verdade em serviço e em utilidade da minha pátria. Por este motivo, tudo o que disser nessa matéria será em estilo e frase que todos o possam entender.

Convenho com V. M. que temos Médicos experimentados, e tão capazes de tratar as doenças que lhes ocorrem que não necessitam de luzes, nem de ensino dos médicos estrangeiros; e que se estes vêm a Portugal são obrigados a seguir o método dos nossos e dos costumes, mas jamais ao errado dos homens. E daqui tira V. M. a consequência, que sendo capazes de curar também poderão ensinar a Medicina verdadeira publicamente: ficando então evidente que são supérfluos os Estrangeiros para nos virem ensinar.

Não insistiria V. M. tanto neste ponto se tivesse lido muitas cartas que tenho escrito para Portugal; nas quais sempre reprovei que se chamassem Mestres estrangeiros, não só para ensinar a Medicina, mas ainda outra qualquer ciência, ou arte: A experiência que adquiri quando exercitei o cargo de Vice-presidente do Tribunal de Medicina na Rússia, me ensinou o dano que causam estas disposições, sempre desgraçadamente sucedidas. No que eu insisti até agora foi representar a suma necessidade que temos *que saiam os mais penetrantes e laboriosos engenhos a aprender as ciências* nas mais célebres Universidades da Europa, para ensiná-las depois na nossa ou onde S. Majestade for servido ordenar.

Do mesmo modo tira V. M. a consequência daqueles *Anatômicos, Botânicos e Químicos* que temos que poderão ensinar publicamente do que infiro; que também V. M. acha supérfluo saírem portuguezes a aprender estas partes da Medicina.

Eu estou tão bem informado que V. M. deseja, e promove, tudo o que poderá contribuir ao bem público e ao serviço de S. Majestade que Deus guarde que deixo à disposição de V. M. julgar, se temos, ou não temos, Portuguezes capazes de ensinar a Medicina publicamente; com tanto que me permita declarar-lhe o que se necessita para professar estas ciências, e que V. M. pondere, se merece atenção debater-se esta matéria para tomar-se nela uma resolução decisiva, e acertada.

Eu confesso que temos Médicos Práticos tão capazes que não devemos ter inveja aos estrangeiros. Mas duvido que estes mesmos já no exercício da sua arte, por quinze ou vinte anos, sejam capazes de ensinar a Medicina publicamente. Mas submeto o meu juízo ao de V. M. no caso que achar que estes Médicos além da sua Ciência Médica experimental, saibam a *Anatomia*, a *Física*, a *Matéria Médica*, a *Farmacácia*, e a *Química*. Se serão capazes de explicar as *Instituições Médicas* de Boerhaave, e os seus *Aforismos*; se serão capazes de explicar em *latim*, língua

das Universidades, estas obras, e com aquele método e ordem com que estão compostas. Se serão capazes de, à cabeceira dos enfermos no Hospital que for da Universidade, ensinar a prática aos seus discípulos, como Boerhaave a ensinava daquele modo que V. M. lerá no 2.º volume *Praxis Medicae. Trajecti*, vol. V, onde vemos estas lições.

Digo que se a nossa pátria for tão feliz de possuir tais homens e que V. M. possa dar fé que conhece e tratou tais Médicos, nesse caso, quanto a mim, tem o meu voto para ensinar; e reprovarei que para este efeito saiam a aprender fora do Reino.

Do mesmo modo digo desses Anatómicos que V. M. conhece discípulos de Santucci. Se souberem dissecar conforme o método de *Eustachio, Albinus de Vesalio*, de *Winslow* ou *Lieutaud*; e souberem explicar a *origem*, e o *uso* de cada parte do corpo que dissecarem, se souberem preparar as partes do *esqueleto*, e do resto do corpo por injeções, secá-las, e embalsamá-las para demonstrá-las juntamente com os cadáveres: Se nos mesmos ensinarem as *operações da cirurgia*, e dos *partos*; Se souberem a *Patologia*, e a *História Médica Prática*, ou pelo menos o que contém o *Sepulchretum Anatomicum Boneti* para explicar os *tumores, exortoses, aneurismas, pólipos, anciloses*, e outras causas estranhas ao corpo humano que se acham às vezes nos cadáveres quando se dissecam; nesse caso, se V. M. der fé que temos lá tal, ou tais Anatómicos, tem o meu voto para ensinar publicamente sem pôr-se no perigo de passar as águas do mar.

Mas se não souberem mais que dissecar o que *Santucci* nos deu no seu *Compêndio da Anatomia*, que se reduz à nomenclatura das partes do Corpo Humano; nesse caso tenha V. M. por certo que serão obrigados a aprender ainda o que lhes falta para ensiná-la publicamente.

Para ensinar a Medicina não pretendo eu que haja Botânicos: Bem sei que deles necessita tanto o Estado como dos lavradores honrados; por que V. M. sabe muito bem que os Botânicos são aqueles que dão a conhecer o uso de 15 até 17 mil *plantas*, e *árvores*, na vida civil, e na Medicina: Como também as *várias terras, pedras, minerais, animais, insectos, aves, peixes, sais, bitumes, &ª*. Bastava que esses Botânicos conhecessem no campo, e no jardim da Universidade 600 plantas medicinais, a sua cultura, as suas virtudes, em que *remédios entram*; bastava que soubessem e conhecessem do mesmo modo todos os simples, em que remédios entram, as suas doses; ensinar a *Farmácia*, dar o uso na Medicina destes *simples*, e *compostos*; em que enfermidades são *saudáveis*, ou *perniciosos*; e que soubessem também a Medicina *prática*, com a *Química*.

Se V. M. tiver lá esta sorte de Médicos, estou certo que são capazes de ensinar a *Farmácia*, e a *Matéria Médica*; e se souberem ensinar a ciência das Plantas pelo método de *Tournefort, Linnaeus*, ou *Van Royen* então têm o meu voto pleno para serem professores.

Mas se V. M. vir que toda a sua botânica se reduz a um quintal com algumas plantas raras, e com outras tantas flores da maior beleza, examine V. M. antes se tem os conhecimentos que requer este nome para dar-lhe o seu voto que ensine publicar esta ciência da *Matéria Médica* e *Farmácia*.

Não duvido que haverá muitos homens capazes de *destilar espíritos minerais e salinos*, fazer *sais e extractos, tinturas e aromas* [?] de *Vénus*: Mas estas preparações químicas faz qualquer Boticário bem instruído, e também um criado num Laboratório químico. V. M. sabe muito bem que quem possua a ciência da *Química* é um Filósofo da primeira ordem na Física Experimental, e na sua língua, que são as Matemáticas; o que sabe as operações dos *Mênstruos Químicos*, da *Fermentação* e da *Podridão*; a *composição* e a *dissolução* dos três Reinos *Vegetal, Animal e Mineral*, o que é capaz de ensinar, e explicar a *Química* de *Boerhaave*, de *Pedro Shaw* escrita em Inglês, e a de *Macquer* em Francês. Se V. M. tem destes químicos, poderão professar publicamente a ciência que possuem que por aqueles que sabem somente regular o fogo, para que se não esturre o extracto, ou arrebe a retorta, estou certo que não merecerão de V. M. a sua aprovação.

Mas tudo o que venho a relatar seria inútil nestes Professores de *Medicina*, de *Anatomia*, de *Matéria Médica*, e de *Química* se ignorassem:

1. A *Física Experimental*, e a língua em que se aprende, e está escrita.
2. As línguas *Ingleza* e a *Francesa*.
3. O *Método de ensinar* a Medicina explicando os Autores, e ensinando a prática de cada parte dela.

Não me persuado que V. M. conheça lá muitas pessoas que sejam capazes de ensinar a *Física experimental*, sem embargo que temos já muitos discípulos dos R. R. P. P. do Oratório que a ensinam: Estes discípulos não duvido que saibam o uso do *termómetro*, do *Barómetro*, da *Pompa Boyleana*, e de um *Prisma*: Mas estou persuadido que os não proporá para ensinarem publicamente esta Ciência. Quem há-de professá-la, há-de compreender, não quero Newton, mas, pelo menos, S'Gravesende, Deraguiliers, Helxam, e sobretudo Musihembroeck; V. M. sabe que sem saber *Geometria, Trigonometria, Álgebra* e as *Secções Cónicas* que nem os Mestres a podem ensinar, nem os discípulos bem aprender: E

V. M. sabe que não temos estas escolas: e que hoje a língua em que se ensina a *Física Experimental* são as *Matemáticas*, e que sem elas, é perder o tempo aplicar-se a esta ciência.

Sabe V. M. perfeitamente que a base da Medicina é esta Física e que sem ela não se entendem as obras de Boerhaave, e dos seus discípulos: e que só esta Medicina é a que deve ser ensinada numa Universidade que não quiser ficar na barbaridade e ignorância que V. M. acha na de Coimbra: Não quero já decidir que é necessário que vão Portugueses capazes a aprender fora as *Matemáticas* e a *Física Experimental* para ser base da Medicina: Estou já suspeito: Decida V. M., e se achar lá quem explique da Cadeira p.^abaixo em Latim os Autores nomeados acima, peça-lhe a V. M. dar-lhe o seu voto para professar publicamente.

2.^o No que toca às línguas, dirá V. M. que é o amor dos Estrangeiros que ganhei por trinta e cinco anos que trato com eles: Eu bem sei que a *língua grega* é necessária a um *Médico*, e indispensável a um *Anatômico* e a um *Botânico*: Mas afirmo a V. M. sem paixão que passará por ignorante um Professor de Medicina, em toda a Europa sem saber *Francês*, e *Inglês*, ainda que saiba tudo o que está escrito em *Latim* e na língua *Grega*. Dirá V. M. que lá se podem aprender à força de Gramáticas, e de Dicionários; é verdade; mas muito mal; e tão fracamente que jamais possam entender um Autor; porque é certo que sem falar, e saber escrever uma língua, ainda que com milhares de faltas e erros, jamais se entende bem. Mas acordo já que aprendam na pátria estas línguas, de que modo virão no *Conhecimento*, e na *eleição* dos bons Autores que tratam da Medicina, escritos nelas? Quem será o que os avisará do seu uso e da crítica que merecem, ou da aprovação que adquirirão?

Eu também deixo esta parte ao parecer de V. M., e de opor-se, ou representar que saiam portugueses fora p.^aaprenderem estas línguas.

3.^o Já considero estar culpado gravemente no conceito de V. M. quando disse acima «que tudo o que vinha de relatar seria inútil naqueles Professores de *Medicina*, *Matéria Médica*, *Anatomia* e *Química* se ignorassem o método de ensinar estas ciências»? Já estou ouvindo que V. M. me argue «e para que se me ordenou a mim por Ordem de S. Majestade que Deus guarde» que escrevesse «do melhor método de ensinar e aprender a Medicina». Não bastará este meu trabalho? Será necessário depois dele, ou antes, que vão Portugueses aprendê-lo nas Universidades estrangeiras? E resolverá V. M. que ou sou incoerente, ou que sou incapaz do que me encarreguei.

Lembro-me agora que lendo em Portugal a Filosofia de Rohault com as notas de Clarck, cheguei a

ler as experiências feitas na *pompa Boyleana*; com o termómetro, e com o telescópio; nunca pude formar conceito destes instrumentos, e fui consultar Martinho de Mendonça e de Pina para explicar-me o que não entendia; mostrou-me aquele excelente varão em um tomo dos Elementos das *Matemáticas* de *Wolf* as figuras daqueles instrumentos, explicando-mas ao mesmo tempo, e nunca pude formar, nem ainda uma confusa ideia deles: Saí fora de Portugal e com uma vista de olhos, pela primeira vez que vi a *Pompa* de Boyle em Londres capacitei-me, o que não pude alcançar por todas as descrições, nem figuras, nem explicações.

Agora creio que V. M. conceberá o que sou obrigado a escrever, e o que devem saber aqueles que executarão por Ordem de S. Majestade o que estou escrevendo: para entenderem, e executarem, o *melhor método de estudar a Medicina* é necessário, primeiro, que o tenham visto: Suponha V. M. que na aula da *Hidrografia*, de Lisboa, e mesmo em todo o Portugal, não houvesse uma *Agulha de Marear*, ou *Boussole* como lhe chamam os Franceses, e que o *Cosmógrafo-Mor*, desse uma descrição tão exacta, e tão excelente, como deu o nosso *Jerónimo Osório* na *Vida del Rei Dom Manuel*, e que por esta descrição explicasse os ventos, e os vários rumbos aos seus discípulos; que sucederia? Nenhum deles conceberia perfeitamente aquele instrumento; e por consequência nenhuma das suas propriedades: Mas supnhamos que acabada a lição entrasse o mais tosco marinho, com a *Agulha de Marear*, e a mostrasse; num instante aqueles discípulos ficariam mais bem instruídos dela que por toda a lição que acabavam de ouvir.

Daqui vê V. M. evidentemente que há coisas que nem por livros, nem lições de Mestres se poderão jamais entender: é necessário vê-las, tratá-las e aprendê-las por experiência própria para compreendê-las, e depois exercitá-las: No *método* que escrevo poderei aconselhar o melhor método de dissecar os cadáveres, indicar os Autores que trataram desta matéria, como se devem explicar, e em que língua; mas tudo isto não basta para ensinar um *Anatômico* que há-de dissecar publicamente; é necessário que ele tenha visto ensinar quatro ou cinco dos mais famosos *Anatômicos*, de que modo o teatro anatômico é composto, de que instrumentos usam, quando quer mostrar certas partes do cadáver, por onde começa, que preparações anatômicas compara com o cadáver; como se fazem estas preparações; que instrumentos, vg., seringas, caldeiras, e fornos são necessários para prepará-las, & ^a. Para estas coisas experimentais é necessário que o Mestre da *Anatomia* as aprenda pela comunicação dos mais experi-

mentados Anatómicos; e nenhum livro, método, nem ensino de cadeira as poderá ensinar, como mostrei acima falando da *Pompa de Boyle* e da *Agulha de Marear*.

Para aprender estes conhecimentos intuitivos é que propus e V. M. proporá também, que necessitam aqueles que hão-de ser Mestres da Medicina, e suas partes, saírem fora; ainda que tenham já a ciência para ensinarem; porque em Portugal não havendo escolas científicas, como V. M. me diz da Universidade, onde o método de ensinar é tão contrário ao progresso das ciências é impossível que lá se possam aprender.

E para que V. M. não me acuse que por costume e paixão propus a necessidade de saírem Estudantes Portugueses a aprender não só a Medicina que hão-de ensinar, mas também as mais ciências humanas, direi aqui em breves palavras de que modo aprendemos o que sabemos em Portugal, e de que modo se sabe, e ensina nas Universidades, que propus. O maior serviço que posso fazer às ciências, e à minha pátria, é capacitar a quem as quiser aprender, mostrar-lhe o que sabem e o que lhes falta; e tirar-lhes as erradas ideias que já sabem e que não necessitam aprender: O maior serviço que faz o Jardineiro às sementes e tenras plantas que semeou é mandar o jardim das inúteis, que crescendo continuamente sufocam aquelas que o hão-de sustentar: A maior, e a principal virtude na Filosofia Moral é arrancar do ânimo os vícios porque sufocam o lume da recta razão: E tudo o que se pretende pela boa Lógica e ciência do Método é dissipar do juízo as opiniões erróneas, nascidas do costume e da educação. E é o que por exemplos vou mostrar evidentemente. Se eu escrevesse somente para V. M. Bastava-me dizer-lhe que tudo o que sabemos ou aprendemos é pelo método *Analítico*; e que o que se aprende nas Universidades que propus é pelo método *Sintético*; V. M. sabe a diferença da excelência deste e do acanhado daquele.

Do modo que V. M. fez a honra de responder-me sobre o ensino da Faculdade de Medicina da nossa Universidade, podemos afirmar que não se aprende nela nem a teoria nem a prática da Medicina. Sigamos portanto a vida do melhor estudante que se formou em Coimbra ou Salamanca, e veremos que se saiu daquelas Universidades com os conhecimentos de *Riverio*, *Velles*, *Baglivi* e *Sydenham* que se reputa ter aproveitado o seu tempo; por descargo de consciência, apercebendo-se do pouco que sabe, põe-se a praticar por um ou dois anos debaixo da direcção de algum Médico velho e experimentado. Com aquele ensino experimental aprendemos a receitar, a conhecer a *diferença* entre uma *febre contínua* e uma *intermitente*; as diferenças dos *pulsos*, e saber ti-

rar alguma *indicação*. Estabelecemo-nos por último em alguma vila ou cidade, começamos a praticar. Lembremo-nos do tumultuário dos nossos estudos: Lemos os Autores práticos, sem crítica, pela ignorância que temos da *História da Medicina e da Anatomia Subtil*. Não compreendemos as observações, nem as disseções dos cadáveres, que lemos: E ficamos ignorantes daquela excelente doutrina que está no *Sepulchretum Anatomicum Boneti*. Como na Universidade não aprendemos a *Matéria Médica*, *Farmácia* nem a *Química*, não compreendemos os remédios que lemos nos Autores, nem os sabemos aplicar às doenças. Não sabemos fazer *coleções* da nossa leitura, e por último julgamos só por verdadeiro o último livro de prática que estamos lendo; porque não estando antes o entendimento informado com as regras da verdadeira Medicina, julgamos que só aquilo é verdade que se nos mostra com alguma aparência de certeza. Contudo, receitamos, visitamos e prognosticamos; mas confundidos na mais perplexa ignorância. Porém, à força de erros, à força de bons e maus sucessos vimos por último em sete ou oito anos a adquirir uma certa experiência que nos trouxe um método de ordenar *dez* ou *doze* remédios, nos quais como em um círculo se compreende toda a nossa Medicina.

Assim se passam estes primeiros anos da nossa prática adquirindo, como diz Plínio, *per mortes* a nossa experiência: e deste modo à custa da humanidade, e da nossa consciência, vimos depois de quinze ou vinte anos a ser Médicos práticos, se não com a ciência, pelo menos com a prudência de não agravar as doenças, que muitas vezes não conhecemos, quando não podemos curá-las.

Isto mesmo sucedeu-me em Portugal, e vi que sucedeu a muitos Médicos meus conhecidos; e quem for sincero e verídico, é certo que confessará o mesmo que venho relatar.

Quando considero como aprendemos a Medicina e como a praticamos em Portugal nos primeiros anos da nossa prática, parece-me que estou vendo um *pedreiro*, ou um *bombardeiro*, trabalhando nos seus officios: Parece-me que estou vendo edificar uma capela, sem riscos nem medidas: não se abriram os alicerces, nem se aprofundaram à proporção do peso que havia de cair-lhe em cima; saíem já as paredes fora da terra; abrem-se as ombreiras sem medida, levanta-se a abóbada sem andaimes proporcionados, e depois de feito o campanário, aparecem rachas na abóbada, e nas paredes, e está ameaçando a cada instante a ruína de todo o edificio; o pedreiro já advertido das faltas de não haver aprofundado os alicerces à proporção do peso, deita o que edificou abaixo, e começa com aquela experiência a reedificar o que

destruiu; o que faz tantas vezes, quantas errou: o Bombardeiro que não sabe nem as leis do calibre das peças, nem as da força da pólvora, quer meter uma bala no alvo que determinou: que faz? Começa a carregar com pouca pólvora, dispara; vê que não chegou ao alvo; mete mais; e acrescentando a quantidade, e provando, errando o alvo, e disparando, tanto errou, até que acertou. E deste modo, pela experiência é que se aprende. Mas o Arquitecto e o Engenheiro, instruídos das regras destas artes, munidos de instrumentos de que sabem usar, executam, da primeira vez, o que o Pedreiro e o Bombardeiro não podem executar antes de terem errado e experimentado muitas vezes.

Como sou também Médico, Senhor Doutor, não quero fazer a aplicação: deixo a quem ama a verdade, o bem da sua pátria, a paz e a tranquilidade da sua consciência, que é tão doce, ponderar aqueles exemplos, e lembrar-se como praticou nos primeiros anos depois que saiu da Universidade.

Pergunto agora, mesmo àqueles que não sabem nem a Architectura nem a Artilharia: e serão capazes, este *pedreiro* acima e este *bombardeiro*, de ensinar a Architectura e a Artilharia? Será o primeiro capaz de explicar *Vitrúvio*, *Vignola*, e *Scamozzi* da cadeira? E o segundo explicar *De Vauban* e *S.t Remy*? Todos teriam por ignorante destas artes a quem afirmasse que eram capazes de ser Mestres, porque sem Geometria prática, Mecânica e muitas partes da Física e conhecimento de muitas artes não pode haver Arquitecto nem Engenheiro.

Newton, o grande Isaac Newton, foi o único Arquitecto da Física Geral e experimental, como o foi da Medicina o Príncipe dela, o socorro da humanidade, Hermann Boerhaave. Estavam nos livros gregos e latinos, e nos dos nossos tempos, milhares de observações da Física; o mesmo Isaac Newton tinha feito muitas e combinando-as, no que concordavam, e separando-as no que discordavam, compôs aquele imortal livro *Principia*, demonstrados pelas mais sublimes Matemáticas: Do mesmo modo compôs Boerhaave as suas obras, com a diferença que não demonstrou os princípios que estabeleceu pelas Matemáticas, mas por factos, e experiências: Juntou com um trabalho incrível todas as operações, e produções do *corpo são*, e *enfermo*, observou no que concordavam, e no que se diferenciavam, combinando, e separando tudo o que conservava, ou destruía o corpo humano, formou aquelas imortais obras que nos deixou.

Parece-me que estou vendo um Arquitecto de Superior instrução nas Matemáticas, Mecânica, Física, e mais artes relativas à sua ciência, a quem um poderoso Príncipe ordenou edificar uma Basílica no lu-

gar onde estavam todos os materiais que haviam de empregar-se na sua fábrica: Estou vendo que este Arquitecto mandou separar uns dos outros; aqui mandava separar as pedras molares para os alicerces; lá os mármore para as colunas; da outra parte as traves e as madeiras para os andaimes, e os metais para as ataduras e ornamentos; media depois o terreno, compunha o seu risco, media depois as pedras para as colunas, arquitraves e as abóbadas e mandava conforme o talho assentar cada pedra e cada metal em seu lugar; de tal modo que ficando todos separados, mas unidos pela arte, vinham a compor um belo e majestoso edifício, onde a comodidade, a facilidade, agrado, gradação e proporção faziam sentir a harmonia à primeira vista.

Por método semelhante compuseram Newton e Boerhaave as suas obras. E se nenhum homem pode julgar das proporções, simetria e distribuição daquela Basílica sem saber as regras da Architectura fundadas na Física, e nas Matemáticas, do mesmo modo ninguém poderá julgar, entender, nem compreender as obras de Newton e as de Boerhaave sem haver aprendido as mesmas ciências que serviram à sua construção e composição: E então se vê claramente que se para entender as obras de Boerhaave necessita o discípulo e o Médico saber as Matemáticas Elementares - Física, Anatomia, Matéria Médica, Farmácia, Cirurgia e a Química, que maiores progressos são necessários nesta parte da Medicina para ensinar publicamente as suas obras? E o mesmo exemplo do Arquitecto, que edificou a Basílica proposta, me servirá aqui para corroborar esta consequência.

Se nenhum homem sem instrução da verdadeira architectura poderá julgar da proporção, simetria, nem distribuição daquele majestoso edifício, como poderá ensinar a mesma Arte? Mas suponhamos que tenha dela alguns princípios; será ele capaz de explicar Vitrúvio, ou Vignola, e de formar um discípulo tão instruído como este Arquitecto que edificou a Basílica que propusemos? todos vêm a impossibilidade; porque todos sabem que para ensinar requerem-se maiores conhecimentos do que para obrar pelas regras da Arte.

Pois que S. Majestade que Deus guarde, pela sua Augusta clemência, quer conservar os seus povos, e foi servido que escrevesse *Do melhor método de ensinar e aprender a Medicina*, é evidente que não será da sua Alta Providência, nem do seu Real agrado, que ensinam a Medicina senão àqueles que entenderem a de Boerhaave, explicando as suas obras, e praticando-as no Hospital da Universidade: Como nas aulas da Fortificação e na da Architectura não ensinam o *Pedreiro* nem o *Bombardeiro* estas ciências, e somente os Arquitectos e os Engenheiros têm esse

cargo, daqui vem que se deviam examinar todas as artes e ciências que hoje se aprendem pela simples experiência, e aquelas que se ensinam por *regras* e por *método* tão científico, como requer a sua inteligência, perfeição e utilidade pública, para obrigar aos Mestres ensiná-lo; o que se estende não somente da Medicina, mas ainda de todas as ciências humanas que se ensinam ou devem ensinar na Universidade.

Parece-me que mostrei evidentemente, e com alguma atenção, o que sabemos de Medicina, e de que modo a aprendemos, e praticamos: E que para entender a de Boerhaave, que satisfaz somente à Clementíssima Ordem de Sua Majestade, e muito mais para ensiná-la, que se necessitam *princípios* e *método* que nem se conhecem na Universidade, nem geralmente em Portugal; e que sendo absolutamente necessários estes conhecimentos para a utilidade pública e glória da Nação, que se faz indispensável irem os mais capazes Estudantes Portugueses aprendê-los nos Reinos e Universidades onde se ensinam, não só para voltarem a ensinar a Medicina verdadeira publicamente, mas também a Física e todas as ciências humanas que devem ensinar-se na nossa Universidade.

Espero que já V. M. tenha recebido o livro *Institutiones Historiæ Philosophiæ*. Bruckeri; e também que V. M. me fará a graça de responder à minha carta do mês passado; e que V. M. me dê as suas ordens com que lhe possa mostrar a minha veneração com a mais pronta obediência. Deus guarde a V. M. muitos anos.

Paris, 26 de Março de 1760.

De V. M.

Mui obrigado e mui Venerador servo

António Ribeiro Sanches

não mandei esta obra